



TEETETO

Platão

Tradução de

ADRIANA MANUELA NOGUEIRA
e

MARCELO BOERI

Prefácio de

JOSÉ TRINDADE SANTOS

2.ª Edição



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
Serviço de Educação e Bolsas

Vagner Rossi

que lhes diz respeito, e frequentemente a luta é pela vida. [173a] É por isso que, por todas estas razões, se tornam agressivos e manhosos, sabedores de como lisonjear o seu senhor pela palavra, de modo a insinuarem-se nas suas boas graças, por actos, mas mesquinhos e corruptos, no que respeita à alma. Pois a escravidão privou-os de crescimento, verticalidade e liberdade, desde a juventude, obrigando-os a agir de modo torcido, atirando-os para grandes perigos e medos, quando as almas ainda são tenras. E como não conseguem suportá-los com aquilo que é justo e verdadeiro, virados imediatamente para a mentira e para as injúrias de uns contra os outros, ficam muito deformados e estranhos. De modo que, não tendo nada de [b] saudável na mente, desde a adolescência, acabam, em adultos, por se tornarem hábeis e sábios, pensam. É assim que são, Teodoro. Queres, pois, passar em revista primeiro os que são do nosso coro, ou que deixe passar, virando-nos de novo para o argumento, de modo a, como ainda há pouco dizíamos, não abusarmos demasiado da liberdade e da variedade nos argumentos?

TEO. — De modo nenhum, Sócrates. Que se passe em revista! [c] Pois disseste muitíssimo bem, que nós, que fazemos parte do mesmo coro, não estamos ao serviço dos discursos, mas sim os discursos ao nosso, como servos, e cada um deles espera para ser acabado, quando nos apetece; de facto, não há juiz, nem espectador, como acontece com os poetas, que presida entre nós, para nos censurar e governar.

[246]

S. — Falemos, então, sobre os corifeus, já que parece ser essa a tua opinião. Pois, por que se diria alguma coisa sobre os que se dedicam à filosofia com ligeireza? Em primeiro lugar, os ^{es} ^{te} ^{es} ^f ~~outros~~, desde cedo, não sabem o caminho para [d] a praça pública, nem onde fica o tribunal ou o Senado, ou qualquer outro local de assembleia comum da cidade; não ouvem, nem vêem as leis e decretos, falados ou escritos, o empenho das uniões com fins partidários, as reuniões, jantares e festas com tocadoras de flauta, nem em sonhos lhes passa pela cabeça dedicarem-se a estas actividades. Quer alguém seja bem ou mal nascido na cidade, quer tenha algo de mal, que venha dos antepassados, da parte dos homens ou das mulheres, nada o filósofo sabe, sobre quanto medirá o mar, como diz o provérbio. E nem sequer [e] sabe que não sabe todas estas coisas; pois nem é para cair nas boas graças que se abstém, pois, na realidade, apenas o seu corpo está na cidade e aí reside; enquanto o seu pensamento, que considera tudo isto de pouca ou nenhuma importância, o desdenha de todas as maneiras. Viaja, como diz Píndaro, «nas profundezas da terra», medindo a terra e as sua extensões, e observa os astros, «...sob o céu», explorando, por todo o lado, [174a] toda a natureza, no todo de cada uma das coisas que são, nunca se rebaixando para aquilo que está perto.

TEO. — O que queres dizer com isso, Sócrates?

S. — Tal como, quando Tales observava os astros, Teodoro, e olhava para cima, caiu num poço. Conta-se que uma bela e graciosa serva trácia disse uma

[247]

piada a propósito, visto, na ânsia de conhecer as coisas do céu, deixar escapar o que tinha à frente, de baixo dos pés. Esta graça serve para **[b]** todos os que se dedicam à filosofia. Pois, a uma pessoa assim, o que lhe está próximo, o seu vizinho, é um desconhecido; não só o que faz, como se é mesmo um homem ou qualquer outra criatura. Mas o que é o homem e o que deve fazer ou sofrer uma natureza desse género, diferente das outras, é isso que investiga e se preocupa em explorar. Suponho que compreendes, Teodoro, não?

TEO. — Claro que sim! Dizes a verdade.

S. — E este é exactamente assim, meu amigo, quer associado a **[c]** qualquer um, em privado, ou em público, como eu dizia no princípio. Quando, num tribunal, ou noutro lugar qualquer, é forçado a discutir sobre o que está ao pé de si ou à frente dos olhos, provoca o riso, não só às raparigas trácias, mas ao resto da multidão, pois cada dificuldade é um poço onde cai, devido à inexperiência; e a sua falta de destreza é terrível e fá-lo parecer estúpido, porque, quando o insultam, nada tem a censurar a ninguém e nada sabe de mau sobre ninguém, visto nunca se ter preocupado com isso. **[d]** E assim, a atrapalhação fá-lo parecer ridículo. E o mesmo acontece a propósito dos louvores e pedantices dos outros: ri sem afectação e com sinceridade, parecido tonto. Na verdade, quando um tirano ou um rei é elogiado, o filósofo pensa que está a ouvir o elogio a qualquer guardador de rebanhos, tal como um porqueiro, um pastor ou um boieiro, contente por

[248]

os animais estarem a dar muito leite; no entanto, pensa que o rei e o tirano pastam e mungem uma espécie de animal, muito mais difícil e manhoso do que estes, sendo forçoso que cresçam **[e]** não menos grosseiros e incivilizados que os guardadores de rebanhos que vivem nas montanhas, pois não têm tempo livre e vivem fechados nas suas muralhas. E quando ouve dizer que alguém possui 900 hectares de terra ou mais, uma quantidade “espantosa”, pensa que ouve “pequena”, pois está habituado a ver a terra inteira. E, quando se celebram as linhagens e alguém diz que tem sete antepassados ricos, ele acha que o louvor revela uma visão estúpida e limitada, de quem é incapaz, por falta de educação, de olhar a **[175a]** eternidade e calcular que cada um teve incontáveis milhares de avós e antepassados, entre os quais deve ter havido muitos milhares de ricos e pedintes, reis e escravos, bárbaros e Gregos. Mas quando alguém se orgulha de ter um catálogo de 25 antepassados e se diz descendente de Hércules, filho de Anfítrio, os seus cálculos parecem-lhe insignificantes, dado que o 25º a partir de Anfítrio **[b]** era aquele que o acaso tinha determinado, tal como o quinquagésimo a partir desse; e ri-se deles, porque não conseguem libertar as mentes da vaidade, para fazerem as contas. Em todas estas ocasiões, quem for assim é escarnecido pela multidão, pois, por um lado, parece ser arrogante e, por outro, ignorante das coisas que tem ao pé, atrapalhando-se nas situações concretas.

TEO. — Passa-se tudo como dizes, Sócrates.

[249]

→
S. — Mas quando, meu amigo, é ele que puxa a lguém para cima e esse [c] concorda em sair de “O que te fiz eu de mal, ou tu a mim?”, para examinar a própria justiça e a injustiça, no que cada uma delas difere de todo o resto e entre si, ou a sair de “se o rei é feliz” e “também o que possui muito ouro”, para examinar a realzeza e a felicidade e os sofrimentos humanos, em geral, o que é próprio dos dois e de que modo convém à natureza humana adquirir um e afastar-se do outro, sobre todos estes assuntos, quando quem presta [dl] explicações é aquele de antes, mesquinho no que respeita à alma, agressivo e conhecedor das táticas de tribunal, e é ele que deve, por sua vez, responder, elevado às alturas, sente vetúgens, e, olhando de cima para baixo, como um meteoro, fica sem saber o que fazer e começa a titubear, provocando o riso, não nas raparigas trácias, nem em algum outro sem educação, pois não se apercebem, mas em todos aqueles que foram educados de modo contrário ao dos escravos. Este é o modo de ser de cada um deles, Teodoro; um, na realidade, cresceu em liberdade e [el] com tempo livre, a quem chamas filósofo, cuja ingenuidade parece ser isenta de culpa e nada valer, quando fica à mercê de escravos, tal como quando não sabe fazer uma cama, preparar ou adoçar uma refeição, nem fazer discursos lisonjeadores; o outro, pelo contrário, é capaz de fazer todas estas coisas e servir com elegância e rapidez, mas não sabe pôr o manto sobre a direita, como um homem livre, nem, pela harmonia das palavras, [176a] cantar correctamente a vida dos deuses e dos homens felizes.

[250]

TEO. — Se convenceses os demais com o que dizes, como a mim, Sócrates, haveria mais paz e menos males entre os homens.

S. — Mas não é possível destruir os males, Teodoro — pois é preciso que haja sempre algo oposto ao bem —, nem instalá-los entre os deuses, já que, por necessidade, pairam sobre a natureza humana e este lugar. Por isso é preciso tentar fugir de cá para lá, do modo mais rápido. E a fuga consiste em ser [bl] o mais possível semelhante a um deus, e ser semelhante a um deus é tornar-se justo e piedoso com inteligência. Mas, na verdade, meu caro, não é muito fácil convencer a maioria de que a razão pela qual dizem que se deve fugir da maldade e perseguir a virtude — para não parecer ser mau e parecer ser bom — é de que se deve agir motivado pela virtude e contra a maldade e não pelo parecer: pois creio ser a isto que se chama tagarelice de velhas. A verdade, digamo-la do seguinte modo: um deus nunca e em lugar nenhum é injusto, mas é [cl] justo quanto possível, e não há nada que se assemelhe a ele, naquele de nós que, por seu lado, se torne o mais justo. Nisto está o verdadeiro engenho do homem, tal como a sua nulidade e falta de hombridade. Pois, por um lado, o conhecimento disto é sabedoria e virtude verídica, por outro o desconhecimento é ignorância e um mal evidente; as outras aparentes habilidades e sabedorias são grosseiras na administração política, e de mau gosto, no que respeita às artes. Então, aos que disserem ou praticarem [dl] coisas injustas e ímpias, é de longe melhor que nin-

[251]